

CONCURSO PÚBLICO DE PROVAS E TÍTULOS PARA O CARGO EFETIVO DE
PROFESSOR DA CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR
EDITAL Nº 45/2019 – PROGRAD

FOLHA DE QUESTÕES

Área:

Número de C.P.F. _____

OBS.: As questões 1 e 2 devem ser respondidas de forma obrigatória. Após, você deverá escolher uma opção para responder dentre as questões 3 e 4.

Questão 1 (3,5 pontos)

Leia o texto abaixo para responder a questão 1. O texto foi escrito por uma discente do curso de Licenciatura Indígena, da Universidade Federal do Acre – Câmpus Cruzeiro do Sul (Floresta), como parte de seu Trabalho de Conclusão de Curso.

A história de uma anciã

Há muitos tempo atrás, vivia na aldeia República, Terra Indígena Nukinî (Inû Kuî), uma idosa que se chamava Maria Evaristo (*nuhana*) – anciã. Ela falava a língua materna do povo Nukinî (Inû Kuî) – a língua nukinî. *Nuhana* vivia muito feliz na aldeia – lugar onde ela morava com sua família. Todos da aldeia admiravam muito *nuhana*: crianças, jovens, adultos, e até mesmo os próprios idosos.

Quando era tempo de lua cheia, as pessoas da comunidade iam para a casa de *nuhana* para ouvir as histórias que ela tinha para contar. Na casa de D. Maria Evaristo tinha um terreiro bem bonito e limpo onde aconteciam as contagens das histórias. Ela acendia a poronga, e as pessoas ficavam só ouvindo. Isso era mais comum no tempo de lua cheia, quando era noite clara. Todos ficavam em silêncio, sentados no chão feito roda, ouvindo sua voz bem suave. Com isso, as pessoas iam dormir altas horas.

Mas é importante destacar que haviam os dias específicos para a contação das histórias – geralmente, nos finais de semana e sexta-feira. *Nuhana* também ensinava às crianças a contarem histórias; ensinava a dançar mariri – que consiste numa dança em que todos ficam em uma roda, agarrados pelas mãos uns dos outros. A anciã também ensinava a contar as histórias na língua nukinî. Além de contar histórias para o povo, ela gostava de ensinar brincadeira para as crianças: cabra-cega, grilo, esconde-esconde, pula cordinha. D. Maria Evaristo também gostava de contar adivinhações.

Todos os ensinamentos de D. Maria Evaristo foram de grande relevância para o nosso povo Nukinî (Inû Kuî). Durante o dia, os adultos iam trabalhar nos roçados enquanto as crianças iam para a escola estudar e pôr em prática tudo o que a anciã estava ensinando para eles na aldeia. D. Maria Evaristo era uma anciã muito responsável que passava vários ensinamentos ancestrais para a comunidade Nukinî (Inû Kuî).

Os ensinamentos de D. Maria Evaristo permanecem até hoje e fazem parte da história e da cultura do povo Nukinî (Inû Kuî). Muitas pessoas aprenderam e hoje contam as histórias, e ensinam as brincadeiras que *nuhana* contava e ensinava. Assim, as histórias contadas pela anciã foram passadas de geração em geração.

Com o passar do tempo, D. Maria Evaristo adoeceu com uma doença muito grave e veio a falecer. Ao longo dos anos, ela foi considerada mais do que uma professora, mas uma verdadeira biblioteca, com grande valor conteudístico e imenso compromisso com o povo; pois, apesar da idade avançada, ela sempre teve muita serenidade e paciência para ensinar às futuras gerações. A morte de *nuhana* deixou o povo muito triste, pois não temos mais a satisfação de nos reunirmos naquele lugar para poder ouvi-la; contudo, temos os seus ensinamentos e reconhecemos a sua colaboração para o povo Nukinî (Inû Kuî).

Hoje, já não temos mais a “nossa biblioteca” (*nuhana*) viva; mesmo assim, suas histórias continuam sendo contadas por sua filha – professora que atua em uma escola da comunidade. Ela não deixou as histórias se perderem com o tempo, nem serem esquecidas pelo povo, porque ela sabe que essas histórias são de fundamental importância e de grande valor cultural para os Nukinîs. Como alternativa para manter a tradição dos mitos na comunidade, a filha de *nuhana* iniciou um processo de registro escrito dos mitos – uma vez que ela compreendeu que a língua falada é muito passageira, e que as histórias precisavam ser registradas na forma escrita. A partir disso, as crianças Inû Kuî puderam ouvir e conhecer as histórias do povo.

Desde então, somos motivados a registrar as narrativas orais que conhecemos e que foram contadas pelos nossos anciãos (J. C. N., 2021).

No texto acima, destacamos as seguintes palavras-chave: oralidade, escrita e língua indígena. Ele retrata uma realidade da Aldeia República, da Terra Indígena Nukinî (Inû Kuî), localizada no município de Mâncio Lima - interior do estado do Acre; mas também evidencia uma situação comum e frequente nas comunidades indígenas de um modo geral: a necessidade de desenvolvimento de políticas linguísticas que possibilitem o registro e produção da escrita enquanto instrumento para o fortalecimento da língua em terras indígenas; uma vez que “[...] no interior das aldeias, na oralidade, há presença significativa da língua indígena; porém, normalmente, o uso da escrita está relacionado à interação com não indígenas, surge daí a necessidade de escrever em língua portuguesa, a língua majoritária do país” (Costa, 2012). Dessa forma, escreva sobre a importância de implementações de políticas linguísticas em comunidades indígenas no processo de revitalização das línguas, metodologias

e instrumentos que possibilitem o fortalecimento e popularização das línguas tanto nas comunidades indígenas quanto nas comunidades não indígenas.

Questão 2 (3,5 pontos)

As sociedades indígenas que viviam no território atualmente ocupado pelo Brasil, antes da chegada do colonizador europeu, desconheciam a instituição escola. Conheciam, no entanto, formas próprias de reprodução de saberes desenvolvidas por meio da tradição oral, transmitidas em seus idiomas – mais de 1.200 línguas diferentes, todas sem escrita alfabética. [...] A escola é uma instituição relativamente recente na história milenar desses povos. (BESSA FREIRE, 2004, p. 11)

O exceto acima, extraído da obra **Educação escolar indígena em Terra Brasilis**, uma publicação do Ibase - Rio de Janeiro, 2004, escrito por José Ribamar Bessa Freire, referencia um percurso de muitas perdas e poucos ganhos. Com base nessa referência, disserte sobre a trajetória e desafios da Educação Escolar Indígena no Brasil, de modo que o texto apresente um lastro histórico dessa modalidade educacional, contemplando categorias como a sociedade sem escola, escola para índios, a escola como devoradora de identidades, a Constituição Federal de 1988 como reconhecimento do Estado brasileiro sobre os direitos desses povos e os desafios em nossos dias.

Questão 3 (3,0 pontos)

As comunidades indígenas da Amazônia e do Brasil corporificam as múltiplas identidades culturais que se imiscuem com intensos valores socioculturais presentes nos saberes praticados subjacentes ao universo da floresta. A riqueza da oralidade pertencente às línguas, as inter-relações propagadas por meio de recursos imagéticos face à transposição com a natureza, os ritos e as cerimônias simbolizam a essência das comunidades culturais indígenas. O valoroso conglomerado manifestado por meio da língua e da cultura possibilita encaminhar práticas didático-pedagógicas na escola que direcionam o enfoque para a preservação dos saberes orais associados ao registro escrito.

Consoante a esse cenário, Pimentel da Silva (2020) em seu artigo intitulado “Letramento em línguas indígenas na retomada de saberes ancestrais” acrescenta que:

É preciso entender que existem muitos modos de ensinar e aprender que não se dão pelas disciplinas, mas são gestados em outras filosofias, em outros modos de produzir conhecimento e em outras organizações epistêmicas. Nessa abordagem, as línguas indígenas são imprescindíveis na educação, mas precisamos entendê-las, como coloca Baniwa (2019). Segundo o autor, o primeiro aspecto das línguas indígenas é seu caráter sociocósmico, no sentido de que elas propiciam o elo, a conexão e a comunicação com os mundos existentes. Para o autor, as línguas expressam e organizam cosmologias, epistemologias, racionalidades, temporalidades, valores e espiritualidades. Por meio dessa capacidade privilegiada de comunicação transcendental, ainda segundo Luciano (2006), o homem ou a mulher indígena exercem seu papel de destaque na mediação entre os seres da natureza por meio de diversas formas de linguagem: palavras, cantos, músicas, rezas, rituais, cerimônias, etc. Há, portanto, espaços, lugares e tempos distintos de uso da linguagem, são lugares e momentos comuns, lugares e momentos específicos especializados, sagrados etc. [...] (PIMENTEL DA SILVA, 2020, p. 258)

Com a transmutação destes “mundos existentes” (Pimentel da Silva, 2020) e a realidade cotidiana das escolas nas comunidades indígenas locais delineiam um cenário único de práticas de letramento convergidas para a valorização dos saberes e das línguas. Nessa perspectiva, Street (2013) informa que práticas de letramento estão associadas aos saberes culturais de maneiras singulares para refletir acerca das apropriações da leitura e da escrita. As práticas de letramento ainda propiciam a inter-relação com temas contextuais pertencentes ao escopo escolar e extraescolar, ao passo que reificam valores a partir da configuração identitária nas comunidades indígenas, por exemplo.

Com base nas proposições apresentadas e na perspectiva teórica sobre as práticas de letramento no contexto indígena, apresente de maneira sucinta uma proposta de projeto de ensino para o desenvolvimento da consciência valorativa dos mundos existentes e transcendentais que compõem a identidade intercultural indígena no processo ensino e aprendizagem.

Questão 4 (3,0 pontos)

Durante o período de colonização muitas línguas indígenas desapareceram de forma drástica (NETTLE E ROMAINE, 2000). Temos hoje entre 160 à 180 línguas indígenas e 216 etnias, sendo que 12 dessas etnias estão em risco de extinção (BRAGGIO, 2003). De acordo com Braggio (2003), vários são os fatores que contribuíram e ainda contribuem para a perda das línguas indígenas e, atualmente os estudos sociolinguísticos auxiliam na descoberta sobre

os caminhos que uma língua toma em direção à extinção. Comente sobre os fatores que contribuíram e ainda contribuem para a perda de uma língua (durante o período colonial até os dias atuais) e, argumente sobre as consequências causadas com a perda de uma língua indígena.
